

TENDÊNCIAS

Vilém Flusser

Disfarçado

de computador,

um novo poder

invade sua casa

A Europa está perdendo o poder de decidir. Ou seja, está deixando de ser o centro de decisões efetivas quanto ao seu próprio destino e quanto ao destino do resto da Humanidade. Esta conclusão parece impor-se não fosse um fato recente que parece indicar o surgimento de um tipo de poder decisório inteiramente novo e que terá como um de seus centros a própria Europa.

Falo da "revolução dos chips", ou, mais elegantemente, no desenvolvimento dos semicondutores eletrônicos, essa miniaturização de memórias cibernéticas que possibilita armazenar e processar dados em espaço reduzido. Fios muito mais finos que cabelos humanos permitem que neles sejam processados dezenas de milhares de "bits", isto é, que sirvam como programas para instrumentos inteligentes. O programa de uma máquina de escrever, que pode, automa-

ticamente, conduzir a correspondência de um escritório todo, ou de uma cozinha, que pode preparar refeições variadas para uma família, não excede, em tamanho, o de uma unha de dedo. E o que é mais importante, esses programas miniaturizados não são apenas praticamente invisíveis mas também muito baratos e, portanto, acessíveis ao grande público. A invasão incipiente de fábricas, escritórios e casas particulares por tais "robôs" implica, por certo, em profunda modificação da vida cotidiana. E isso implica em um novo conceito de poder decisório que merece ser meditado.

Esses instrumentos vêm equipados com programas adaptáveis aos propósitos dos compradores. A dona-de-casa que compra uma tesoura dessas por,

digamos, US\$ 1.000, pode cortar diversos tipos de ternos, roupas, saias e blusas. A decisão quanto ao modelo a ser produzido é da dona-de-casa, mas é tomada dentro dos parâmetros do programa da tesoura. De modo que ela é mais livre graças a sua tesoura, tem uma escolha maior de modelos que a oferecida pelo "pret-a-porter" das lojas de moda. Mas, ao nível da produção, a sua manipulação é programada pelo fabricante da memória da tesoura. Ao cortar, ela apenas realiza uma das virtualidades previstas pelo programador.

Esse programa é relativamente primitivo. Há programas que aprendem na medida em que o instrumento é utilizado. O jogo do xadrez cibernético joga progressivamente melhor,

porque aprende com os erros cometidos em partidas anteriores. Ou seja, ele pode executar lances não previstos pelos programadores e o programa passa a funcionar com uma certa autonomia. É o programa, e não o programador, que passa a ser o parceiro no jogo. Da mesma forma o fato da tesoura poder inventar novos tipos de modelo não torna a dona-de-casa uma "agente mais livre". Apenas aumenta o parâmetro de modelos dentro do qual ela escolhe o seu.

Imaginar uma sociedade equipada com tais instrumentos é imaginar a sociedade programada com novo significado. Ela se sentirá existencialmente mais livre porque disporá de grande liberdade de escolha e porque os programas que controlam sua ação serão praticamente invisíveis. Em tal sociedade imaginária desapareceria a política, no significado costumeiro do termo. No sentido tradicional ela é um método para tomar decisões e pressupõe "praça pública", local onde essas decisões são tomadas, seja por diálogo, seja por imperativos. Essa sociedade imaginária exclui toda praça pública, porque seus programas são elaborados em lugares privados e dirigem-se diretamente aos lugares privados dos consumidores. O poder de decisão não será explicável e



manipulável politicamente, mas ciberneticamente.

A "revolução dos chips" que contém, em germe, a sociedade acima imaginada está ocorrendo nos laboratórios das escolas superiores e das multinacionais dos Estados Unidos, do Japão e da Europa. E os primeiros instrumentos estão saindo aos milhões, barateados e miniaturizados, da linha de montagem desses países. Há, é claro, uma concorrência feroz entre os vários estabelecimentos e países, mas o motivo não é apenas o lucro, mas também a consciência do poder decisório que esse desenvolvimento implica.

Essa concorrência, no entanto, não deve ser exagerada. Há uma tendência para colaboração entre franceses, ingleses e alemães e entre estes e os japoneses e americanos. O campo é vasto e virgem e não é racional a repetição de experiências já realizadas em outros lugares. Desse modo, Estados Unidos e Europa estão formando um único contexto, a partir do qual irradiarão as decisões programadas a modelarem o comportamento da humanidade futura.

A visão desse futuro é, no mínimo, impressionante. Os países "desenvolvidos" não mais fornecerão "know-how" mas programas de comportamento precisos. E se for considerado o poder de decisão que se esconde sob o

"know-how", imagine-se o poder inerente aos programas ínfimos, baratos e maleáveis. É difícil não politizar o problema e perguntar: quem são os programadores e quais os interesses a que servem? Embora a pergunta seja pertinente, não atinge o núcleo do problema. Não importa quem programa os instrumentos e quem deles tira proveito. O que importa é que os programas tendem a autonomizar-se. Se a nossa meta é a liberdade de decisões, não é política, mas ciberneticamente que devemos analisar os programas.

Os programadores ultrapassam formalmente as decisões. Eles vêem a decisão e o ato e os programas de "fora". Para uma liberdade de decisões essa transcendência formal deve ser nossa. Não podemos agir de "dentro" dos eventos, mas de "fora", como o fazem os programadores. A dificuldade é que: para salvar a liberdade é preciso, atualmente, tentar transcendê-la. É contraditório salvar a política por uma atitude despolitizada. Mas a contradição não será inerente à situação humana?

Enfim, se no sentido tradicional, político e histórico o poder decisório da Europa está declinando, no sentido acima esboçado ela pode voltar a ser um dos centros de decisão.

Jontex* Lubricated.
Proteção
anticoncepcional,
com mais conforto.



Jontex* Lubricated.
Proteção anticoncepcional.
Segurança.
Conforto.

Nova embalagem com 6 unidades e
embalagem tradicional com 3 unidades.

* Marca de Ind. e Com.